

GEOGRAFIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM DIÁRIO SOCIOESPACIAL A PARTIR DE *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Ariel Costa dos Santos¹

280

Resumo. De uma favela na cidade de São Paulo às primeiras páginas dos noticiários, eis que surge pelos cantos da sala, do quarto, das ruas, Carolina Maria de Jesus, na década de 1960, escrevendo diários de sua vida difícil. A principal obra da autora, *Quarto de despejo* (1960), relata e denuncia o processo de higienização socioespacial ocorrido na cidade de São Paulo, reverberando na formação da favela do Canindé, local onde seus “dias e noites” são escritos, vividos e sentidos. Carolina Maria de Jesus, então, inaugura a partir do seu diário uma literatura afro-brasileira do cotidiano atravessada por sentimentos, tensões, denúncias e – por que não? – geografias. Partindo dessas premissas, o presente texto emana dos versos da autora, e deles discorre sobre a possibilidade de pensar a geografia inscrita a partir não apenas de um livro, mas de um lugar, suas desigualdades, suas vidas e sensibilidades, dali, de um *quarto de despejo*.

Palavras Chaves: *Quarto de despejo*; geografias; espaço e literatura afro-brasileira

AFRO-BRAZILIAN GEOGRAPHY AND LITERATURE: A SOCIO-SPATIAL DIARY FROM *QUARTO DE DESPEJO*, BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract. From the anonymity of a favela in the city of São Paulo to the front pages of the news, there is Carolina Maria de Jesus in the 1960s, writing diaries of her difficult life as a favela resident, black woman and mother. The author's main work, *Quarto de despejo* (1960), also reports and denounces the process of socio-spatial cleaning that took place in the city of São Paulo that affected in the formation of the Canindé favela, a place where her days and nights are written, but above all lived and felt. Carolina Maria de Jesus starts from her diary an Afro-Brazilian literature of everyday life, crossed by feelings, tensions, denunciations and - why not? - geographies. Based on these premises, the present text emanates from the author's verses, and discusses the possibility of thinking about the inscribed geography

¹ Doutorando em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, ariel.costa.geo@gmail.com, orcid.org/0000-0002-0482-3827

from not only a book, but from a place with tensions, inequalities, lives and sensibilities, from a “*quarto de despejo*”.

Keywords: *Quarto de despejo*; Geographies; Afro-Brazilian space and literature.

GEOGRAFIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UN DIARIO SOCIOESPACIAL DESDE EL QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Resumen. De una favela en la ciudad de São Paulo, a las primeras páginas de los noticieros, surge por los rincones de la habitación, del dormitorio, de las calles, Carolina Maria de Jesus, en la década de 1960, escribiendo diarios de tu vida difícil. La principal obra de la autora, *Quarto de Despejo* (1960), denuncia el proceso de higienización socioespacial ocurrido en la ciudad de São Paulo, que acarretó en la creación de la *favela* de Canindé, local donde sus “días y noches” son narrados, vividos y sentidos. Carolina Maria de Jesus, inaugura a partir de su diario, una literatura afro-brasileña del cotidiano, atravesada de sentimientos, tensiones, denuncias y ¿por qué no? geografías. El presente trabajo, emana en los versos de la autora, y busca discurrir sobre la posibilidad de pensar la geografía inscrita desde no solo un libro, sino desde un lugar, sus desigualdades, sus vidas y sensibilidades, desde ahí, un *quarto de despejo*.

Palabras clave: *Quarto de despejo*, geografías, espacio y literatura afro-brasileña.

Introdução

Nas últimas décadas do XX a geografia, sob o enfoque humanístico, passou a adotar densamente em seus estudos diversas temáticas, entre elas, a música, o cinema e a possibilidade da interpretação geográfica junto a obras literárias. Esse movimento é anterior às últimas décadas do século XX, e nas últimas décadas esse movimento se tornou mais denso e acelerado. Apesar das críticas do que vem a ser ou não geografia, aos poucos essa perspectiva de análise, de cunho humanístico, passou a ser adotada por professores de diversas universidades, gerando uma difusão das múltiplas abordagens geográficas e outros olhares para a compreensão das relações socioespaciais e seus atravessamentos.

Pensando a relação dialógica entre geografia e literatura, Marandola Jr e Oliveira (2011) destacam que tanto a Geografia, quanto a Literatura são conhecimentos milenares, que

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

apesar do distanciamento ao longo dos anos possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. Contudo, apesar desta relação, a Modernidade encarregou-se de separá-las, colocando-as em gavetas distintas: em uma, a ciência (geografia); e, em outra, a arte (literatura). Porém, apesar das gavetas, existem caminhos que interligam estes campos de, digamos, construção de pensamento, cada um à sua maneira, tornando-as impermeáveis (MARANDOLA JR e OLIVEIRA, 2011). Nesse contexto, a geografia e a literatura abrigam mais do que rejeitam, se aproximam mais do que se separam: seus limites são como linhas criadas em um exercício de flexibilidade e elasticidade (CASTRO, 2016).

A literatura assim como a geografia possuem diversas escolas, estilos de abordagens e campos de pesquisa, onde inclui-se as Geografias Negras e o viés das Geo-grafias Negras com estudos de Geografia e Literatura Negra. Entre as abordagens que eclodiram no final do século XX e cujo trabalho iremos discutir tem-se a literatura afro-brasileira, que traz consigo a conduta pensada a partir de sujeitos negros (DUARTE, 2014), e também de autoria negra. É importante destacar que esta perspectiva se estrutura em diversas vertentes, entre elas evidencia-se a tradição que aborda as manifestações culturais e religiosas dos negros, destacando as lendas, os mitos, os ritmos, as danças etc. A outra abordagem, na qual trabalhamos neste artigo, estrutura-se na história contemporânea e busca trazer os dramas vividos, as tensões e os conflitos sobre os escritos das gentes negras (DUARTE, 2014).

Ressaltamos que as literaturas e as geografias (assim mesmo, em suas pluralidades), assim como outros ramos do conhecimento, sobretudo das ciências humanas e das artes, são pensadas hegemonicamente a partir de autores brancos, gerando um embranquecimento desses conhecimentos. Com isso, há um apagamento dos pensadores negros, que produzem suas formas de ser e estar no mundo desde a África, e pensam a realidade, sobretudo, a partir dos espaços que ocupam. Isso se exemplifica na tardia discussão do que vem a ser – e se existe – uma literatura afro-brasileira, e a pouca inserção das pautas raciais na geografia.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus

Notamos que o apagamento da possibilidade de uma literatura afro-brasileira e a abordagem das relações étnico-raciais na geografia trazem consigo o elemento “raça”. Ou seja, esses autores que produzem outras formas de ver o mundo, sobretudo a partir de uma perspectiva dos sujeitos negros, que são apagados como se a questão racial não atravessasse tanto a literatura quanto a geografia.

Pensando a literatura, Duarte (2014) aponta que:

Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela é tanto contemporânea, quando se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais. (DUARTE, 2014, p. 259)

Entre os autores negros que pensam a vida a partir da dimensão da história contemporânea, encontra-se Carolina Maria de Jesus e sua discussão em torno de seu primeiro livro, *Quarto de despejo* (1960). As imagens de Carolina Maria de Jesus trazem frequentemente uma mulher com lenço entornando sua cabeça, em um barraco formado de madeira, plástico e palha, revelando já a partir delas (das imagens) uma dimensão geográfica também do corpo enquanto um território, marcado pela fome e pela esperança de melhores dias. Trazem, ainda, uma dimensão espacial do local em que habita, em um *conjunto* com outros sujeitos. Carolina Maria de Jesus vai chamar de *quarto de despejo* o local onde os favelados, sobretudo os negros, foram sendo amontoados, revelando um processo agudo de segregação socioespacial.

Nos últimos anos, Carolina Maria de Jesus, depois um longo tempo após sua morte habitando certo esquecimento literário, retornou aos holofotes nas vozes de escritoras e escritores negros, com destaque para Conceição Evaristo. Oportunamente, agora emerge também como uma intelectual, mais precisamente uma literata afro-brasileira, rompendo com o ostracismo e revelando ainda mais uma forma da escrita criadora de um cotidiano *como ele é*, mas também como ela, enquanto moradora, vivia.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Partindo de *Quarto de Despejo* (1960), buscamos aqui pensar a literatura afro-brasileira e suas relações possíveis com o conhecimento geográfico, além disso, buscamos pensar como o atravessamento de ambos os campos pode permitir uma visão de mundo dos excluídos, dos pobres, dos negros, das mulheres e da favela, parte da realidade da população subalternizada. Como apoio, o presente trabalho foi construído na leitura de autores que discorreram sobre Carolina Maria de Jesus, entre os quais Mitsuuchi (2018), Duarte (2014) e Evaristo (2005), autores que discutem a geografia e sua relação com a literatura, com destaque para Marandola Jr e Oliveira (2011), Suzuki (2017), e por fim Guimarães (2012), Guimarães (2014) que discute geografia e literatura afro-brasileira.

O texto encontra-se dividido em três tópicos: o primeiro visa apresentar quem foi/é Carolina Maria de Jesus, entre a infância, a ascensão e o *apagamento*. No segundo tópico buscamos apresentar a possibilidade de se pensar a geografia e a literatura afro-brasileira, tomando como base alguns autores que já estudaram a problemática em questão. Por fim, no terceiro tópico, buscamos apresentar a dimensão geográfica nos escritos de Carolina Maria de Jesus, a partir de *Quarto de Despejo*.

Antes de tudo, Carolina

Na cidade pertencente ao Triângulo Mineiro, por nome de Sacramento, no estado de Minas Gerais, nascia no mês de março de 1914, Carolina Maria de Jesus. Cabe ressaltar que a dificuldade de vida bateu a sua porta desde muito cedo. Aos nove anos de idade, em 1923, Carolina entra para a escola. É importante relatar, que aquela seria a primeira e única vez que a mesma estudaria em um estabelecimento educacional, as outras formas de aprendizagem deram-se fora da escola, na labuta da vida. Em um relato no seu diário ela discorre “tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter” (JESUS, 1960, p. 13)

Sustentada pela patroa de sua mãe, Sra. Maria Leite Monteiro de Barros conforme aponta Mitsuuchi (2018), Carolina Maria de Jesus teve a oportunidade de estudar por apenas dois, na primeira escola espírita do Brasil, referência em ensino, por nome de

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Alan Kardec, na cidade de Sacramento-MG. É importante destacar, que a infância e adolescência de Carolina Maria de Jesus, não foram fáceis, nem propícias a uma formação escolar, uma vez que necessitava do trabalho para sobreviver (MITSUUCHI, 2018). Dali em diante, a escrita seria a vida. Seria o que o dia e a noite lhe ofereceriam. Seria a trajetória. A luta pela existência e sobrevivência. Seria Carolina por Carolina. Seria a denúncia em forma de escrita. Carolina não voltaria a entrar mais em uma sala de aula na condição de aluna.

Crescendo em meio a dificuldade, no ano de 1930, Carolina Maria de Jesus muda para Franca (SP), onde trabalhou como doméstica até o ano de 1937, quando sua mãe faleceu (LITERAFRO, 2020). Já na ausência de sua mãe, Carolina Maria de Jesus migra para a cidade de São Paulo, Galvão (2017) nos brinda com importantes relatos, ao discorrer que a mudança ocorreu em 1937, nela, Carolina tivera vários trabalhos: camareira de hotel, vendedora ambulante, empregada doméstica, cozinheira, dentre outros. Entretanto, a primeira gravidez obrigou-lhe a deixar o trabalho como empregada doméstica e também a casa da patroa onde morava.

A partir da gravidez e conseqüente nascimento do seu primeiro filho, João José, a geografia de Carolina Maria de Jesus ganharia novos contornos. Sem emprego e impossibilitada de trabalhar, a escritora, segue os rumos dos que não possuem um teto e, se vê na necessidade de ocupar um espaço precário. Galvão (2017) discorre que Carolina Maria de Jesus, passou a morar em um barraco numa margem do rio Tietê, local que após alguns anos, se transformaria na favela do Canindé, hoje extinta.

Nos dizeres de Mitsuuchi (2018):

A ida para a favela do Canindé ocorre em 1948, visando melhores condições de vida é onde nasce o primeiro filho, João José, fruto do relacionamento com um marinheiro português, que a abandona. Em 1950, nasce o segundo filho, José Carlos, após relacionamento com um espanhol; e três anos depois, Vera Eunice, com o dono de uma fábrica e comerciante, cuja identidade nunca foi revelada por Carolina e presente nos últimos anos do diário. (MITSUUCHI, 2018, pp. 265 - 266)

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Na favela, mãe solo, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade de São Paulo, vindo desse ofício a sua única fonte de renda para alimentar seus filhos (LITERAFRO, 2020). Em meio ao caos e a luta por sobreviver, Carolina Maria de Jesus começa a escrever, passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada” (LITERAFRO, 2020).

A escritora é descoberta por um jornalista, por nome de Adálio Dantas, que foi até a favela do Canindé para construir um documentário que retratasse a vida dos moradores da favela. O encanto do jornalista foi relevante ao encontrar mais de cinco cadernos escritos por uma mulher negra que residia em um barraco naquele lugar. Adálio Dantas (1960), prefaciando o livro *Quarto de Despejo*, aponta que “a história da favela que eu buscava, estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela”.

Mitsuuchi (2018), oferece-nos importantes contribuições ao discorrer sobre a potência nos escritos de Carolina Maria de Jesus.

O tempo, que fascina os homens e que não pode ser domado, se encarregou de dar voz à catadora de lixo. Cumprindo seu papel de intelectual ao retratar o ambiente em que vivia, suas mazelas e dificuldades, bem como a dos moradores da favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus nos oferece importantes informações a respeito da sociedade brasileira, tornando seus registros pessoais fontes documentais de grande importância historiográfica. (MITSUUCHI, 2018, p. 273)

Após a publicação do seu diário, denominado *Quarto de Despejo*, no ano de 1960 Carolina Maria de Jesus, vivenciou anos de glória, onde ganhou fama e notoriedade por seus escritos, alcançando espaços de poder e sendo evocada por diversos intelectuais, entre elas Clarice Lispector. Com o sucesso do primeiro livro que vendeu milhares de edições e foi traduzido para diversos países, a mesma mudou-se para o que ela chamou de Casa de Alvenaria.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Carolina Maria de Jesus ainda escreveu outros livros, contudo não obtiveram o mesmo sucesso e alcance que *Quarto de Despejo*, com isso, aos poucos foi caindo no esquecimento. Já próximo do fim de sua vida, comprou um sítio, no bairro de Pailheiros-SP, após colecionar sonhos e decepções, pobre e desconhecida, Carolina Maria de Jesus, voltou a catar ferro e papel para sobreviver. Em 1977, faleceu na mesma condição de anônima do início de sua vida.

Geografia e Literatura Afro-brasileira: alguns apontamentos

A literatura brasileira já foi bastante teorizada, no tocante aos estudos acadêmicos em diversos campos científicos, principalmente na área das linguagens. No que tange à Geografia, a relação com a literatura, apesar de ser presente nos diários de viagens ou em escritos dos primeiros geógrafos, é um pouco recente seus estudos no contexto da Geografia humana brasileira nas universidades (SUZUKI, 2017), podemos dizer que nos últimos anos esses estudos vêm se avolumando, no entanto, existem registros dessa perspectiva desde o século XIX. A compreensão geográfica das obras literária sobre espaço, lugar, território, região, paisagem, migração, só passaram a se figurar nos trabalhos científicos a partir da segunda metade do século XX e início do século XXI com o advento geografia humanística.²

Cabe destacar que, ao longo do século XX, a inserção da geografia teórica quantitativa e conseqüente a geografia crítica, estruturada no marxismo, ganharam notoriedade no Brasil e se reproduzem até os dias de hoje, com diversos adeptos. Em contrapartida, a geografia humanística, teve pouca difusão, sendo cooptada por alguns adeptos que foram inseridos no contexto da geografia cultural, na década de 1990 (CORRÊA E ROSENDAHL, 2005).

² “[...] A Geografia Humanística não é só um ‘(per)curso alternativo’ [...] ela tem outras buscas...outros sentidos...É como seguir um novo caminho... Outros olhares... Outros significados... Outras paragens... Outras travessias... É uma outra viagem” (GRATÃO, 2002, p. 24).

O espaço geográfico e literatura constitui-se em tema que nos últimos 30 anos tem atraído o crescente interesse dos geógrafos (CORRÊA e ROSENDAHL, 2005). Antes disso, conforme Suzuki (2017), em 1940, Pierre Monbeig, o geógrafo francês que ganhou notoriedade no Brasil pelas suas obras publicadas, discorreu sobre a importância de se pensar Geografia e Literatura e, afirmou que o olhar geográfico sobre a literatura, permite aos leitores a compreensão do lugar. Suzuki (2017), fazendo eco em Monbeig (1940) discorre que a geografia deve ser literária sem cair na literatura, ou seja, o olhar deve ser sempre geográfico sobre a escrita literária.

Para Castro (2016):

A geografia e a literatura podem ser compreendidas como expressões do pensamento que se estabelecem lidando com imensas extensões – o espaço da terra e as criações da palavra. Ambas as dimensões do conhecimento trabalham com as marcas e os sinais do espaço e da linguagem verbal, com as grafias da terra e das palavras que, por sua vez, se associam a uma amplitude de aspectos do mundo. Dessa maneira, compreendemos a geografia e a literatura a partir de uma característica comum: o privilégio à amplitude e, por consequência, a abertura para a diversidade. (CASTRO, 2016, p. 332)

Nos dizeres de Marandola Jr e Oliveira (2011, p. 488 [...]) “pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações”. Desta forma, conforme os autores, uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura³, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade (MARANDOLA JR e OLIVEIRA, 2011).

³ Conforme Guimarães (2012, p. 216) A Literatura, assim como todas as outras ciências sociais, revela uma leitura do mundo e da realidade, dos acontecimentos, de contextos sociais, e através das produções ou obras literárias é possível se deparar com amplas descrições e análises de lugares e de movimentos de grupos sociais.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus

Guimarães (2012) acredita que essas duas áreas do conhecimento, tanto a geografia quanto a literatura, se entrecruzam e geram alguns instrumentos para se pensar e construir trajetórias, tanto no pensamento geográfico através da produção literária quanto na produção literária ao utilizar o olhar geográfico para se materializar. Desta relação é gerado o olhar geográfico-literário

Nesse contexto, a Geografia relacionando-se com a literatura e produzindo um olhar geográfico literário (Guimarães, 2012), tem outorgado uma compreensão de mundo singular e, permitido pensar as relações com o lugar, a apropriação da paisagem, bem como as situações de vulnerabilidade social vivenciadas por determinadas populações a partir das obras já publicadas. Um exemplo tangível disso, é a discussão que Josué de Castro traz na obra *Homens e Caranguejos* (1966), ao tencionar através de um romance, a realidade que assola milhares de brasileiros ainda nos tempos presentes: a fome. Emaranhando-se com outros temas presentes, como a migração rural, a seca, a enchente e o descaso do estado com a população residente no semiárido nordestino.

Em meio a esse atravessamento existente entre esses dois campos de conhecimento, começam a emergir algumas questões presentes. Entre elas, a discussão que paira sobre a literatura afro-brasileira. A quem diga que não existe uma literatura afro-brasileira, pois essa divisão não soa como algo benéfico para o campo literário. Alguns autores acreditam que essas expressões particularizam as escritas que devem abarcar um todo. Com poucos autores negros na literatura brasileira, nota-se que a presença do negro não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade, ou seja, o negro, também na literatura é colocado as margens (PROENÇA FILHO, 2004).

Para Guimarães (2012, p. 218) muitas vezes este tipo de literatura representa questionamentos sociais, o que não a diminui em nada diante do que se classifica como textos literários de qualidade. A autora continua discorrendo que o que ainda falta é um olhar social de respeito e leituras realizadas por um número maior de indivíduos de todo o acervo que já se constitui como literatura afro-descendente (GUIMARÃES, 2012).

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus

A condição negra é vista no discurso literário nacional, a partir de dois posicionamentos. O primeiro é a condição negra enquanto objeto, numa visão distanciada. Sobre isso, Proença Filho (2004), aponta que:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indicam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 1)

Ainda de acordo com Proença Filho (2004, p. 1) a outra visão é o que o mesmo chamou de atitude compromissada, na qual o negro aparece como sujeito. Para ele, essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo desse período histórico, com maior ou menor evidencia.

Nesse contexto, é importante destacar que crescimento do movimento negro na busca pela emancipação do negro na sociedade brasileira, foi importante para que a literatura afro-brasileira emergisse em meio a uma supremacia branca. Nos dizeres de Souza (2016) a literatura negra ganha força em meio a mobilizações por emancipações de sujeitos sociais estigmatizados, sobretudo os corpos negros, a partir de uma conscientização e questionamentos identitários.

A literatura afro-brasileira nos dizeres de Lopedote e Kovalski (2014) possui identidade própria, é uma literatura que ganha voz dentro do próprio enredo, ela rompe com as ideias eurocêntricas, buscando uma identificação entre sujeito e objeto e as histórias nascem da própria vivência. As produções literárias de escritores (as) negros (as) passam a compreender, politizando determinismos, também o contexto sociocultural em que se encontra inseridas, uma vez que, segundo uma proposta crítica cultural, não podemos dissociar a literatura da vida (SOUZA, 2016). Carolina Maria de Jesus⁴ e

⁴ Conforme Guimarães (2016, p. 47): Como escritora, fato concreto e inquestionável, Carolina superou em muito o dito canônico que não a reconheceu como tal e ainda hoje reluta em fazê-lo.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Conceição Evaristo fazem este exercício de trazer a dimensão sociocultural na qual estão inseridas para os escritos. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, para além delas, tantos outros escritores e escritoras fazem o mesmo exercício.

Entre as diversas vertentes que transitam na literatura afro-brasileira, destacaremos a que nos propomos a trabalhar no presente artigo, que situa-se na história contemporânea. Conforme Duarte (2008), esta vertente:

Busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão. De Lima Barreto a Carolina Maria de Jesus; de Oswald de Camargo a Conceição Evaristo, passamos pelos poetas ficcionistas reunidos na série *Cadernos Negros*, muitos são os que debruça, sobre o estigma do 14 de maio de 1888 – o longo day after da abolição, que se prolonga pelas décadas seguintes e chega ao século XXI. E logo surgem o subúrbio, a favela, a crítica, ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão. (DUARTE, 2008, p. 14)

Na vertente exposta acima e, discorrida por Duarte (2008) a literatura afro-brasileira, aparece como forma de denúncia da realidade, não sendo reduzida apenas a isso, porque a literatura negra é muito rica em termos de abordagens, perspectivas, estéticas e temas. Conceição Evaristo (2007) enfatiza que a escrita é uma forma de mostrar as intempéries que a população negra vive no presente, neste contexto a mesma destaca que a nossa escrita não pode ser lida como história de ninar para os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Na proposta de pensar a realidade que encontra-se inserida, a geografia oferece subsídios para esta análise, pensando, sobretudo o espaço habitado pelo homem e as suas problemáticas.

A abordagem da geografia à literatura também a entende como linguagem que expressa a experiência espacial do autor - e do grupo social ao qual ele pertence (CASTRO, 2016). A problematização do existir negro na sociedade brasileira nas obras literárias, sobretudo a partir da experiência espacial, ganha contornos outros a escrita que visa antes de tudo denunciar a realidade da população negra. Em meio a esse emaranhado, a relação entre geografia e literatura afro-brasileira se apresenta como possibilidade de

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

compreensão das problemáticas que atravessam os corpos e os territórios das gentes negras na sociedade.

A dimensão geográfica na literatura de Carolina Maria de Jesus

Numa manhã do dia 22 de julho de 1955, Carolina Maria de Jesus discorreu “Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as arvores que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (1960, p. 23)”. O espaço, aqui contando e vivido pela autora é tensionado por várias disputas e conflitos, mas também, por uma multiplicidade de geografias. Nesse contexto, a forma de pensar o espaço, a partir de *Quarto de Despejo*, se aproxima da abordagem de Massey (2008) que o pensa como uma multiplicidade de estórias-até-agora.

Esse espaço da multiplicidade é apresentado em movimento, através das andanças, do ir e vir, dos lugares que Carolina Maria de Jesus transita. Esse trânsito se dar por diversos motivos e independe do horário, ocorre tanto no período diurno, quanto o noturno. Principalmente quando o motivo é a busca de papel para ser revestido em alimento para os seus filhos. No dia 17 de junho, a mesma discorre “Sai à noite e fui catar papel” (JESUS, 1960, p. 12), em outro momento, no dia 25 de junho de 1958, ela relata “Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doíam tanto que eu não podia andar” (JESUS, 1960, p. 25).

A busca por papel aparece como o motor que impulsiona a autora a transitar entre e por diversos espaços, que situam-se entre o que ela chamou de *quarto de despejo* e a sala de visita. Em muitos momentos, contra sua própria vontade, é preciso deslocar-se. Sobre isso, ela discorre: “Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer” (JESUS, 1960, p. 28). A necessidade, a partir da fome é o que move os passos e constrói os espaços de Carolina Maria de Jesus.

A fome é uma personagem presente e rotineira no espaço da favela, onde a autora constrói também, sua geografia. A todo momento, mesmo nos dias em que ela se

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

considera feliz, a fome parece lhe perseguir. Dantas (1960, p. 3), durante o processo de organização da obra, aponta que a fome aparece no texto com uma frequência irritante: “Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina”.

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:

- Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios devem ser do alcance de todos.

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? ” Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha a janela e não tem mais. (JESUS, 1960, p. 34)

Em um de seus momentos de meditação e reflexão, ela relata que um padeiro passou falando: “olha o pão doce que está na hora do café” (JESUS, 1960, p. 30), contudo, pão na mesa, mais precisamente no café da manhã, era algo distante da realidade daquela população, principalmente de Carolina Maria de Jesus e seus três filhos. Sobre esse momento, ela discorre: “Mal sabe ele que na favela é a minoria que toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer”.

A favela e os favelados são termos presentes ao longo do diário, escrito a partir de uma mulher que também vive na favela. A dimensão desse espaço traz consigo vivências que são construídas na dificuldade enfrentada por todos os sujeitos-as que com-partilham e com-vivem naquela realidade. As casas e ou barracos, em grande parte, são construídas com resto de materiais e abrigam os moradores que não possuem visibilidade perante a sociedade, mas que carregam consigo a esperança que atravessa, também o discurso das crianças. José Carlos, um dos filhos de Carolina Maria de Jesus, certa vez discorreu “Não se preocupe mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora” (p. 14).

Carolina Maria de Jesus, apresenta-se como uma voz que representa os sujeitos da favela. “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas que manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em pró dos outros” (p. 32). A favela, aparece

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

em seu discurso como um espaço de uma multiplicidade de histórias e uma diversidade de conflitos, sobretudo entre os próprios moradores, mas também com relação aos políticos, que segundo a autora, após vencer as eleições divorcia-se do povo (JESUS, 1960).

A dureza da vida é narrada pela autora dotada de sentimentos e principalmente de pertencimento de quem vive aquela realidade. Aos sujeitos que compartilham daquela problemática, tudo torna-se mais difícil. Para Carolina Maria de Jesus, a favela não é lugar de ser humano, por vez ela relata que os políticos deviam acabar com as favelas, por não ser um lugar que promovia dignidade e cidadania para os seres humanos, sobretudo os moradores.

Carolina Maria de Jesus pensava e escrevia a favela como um *quarto de despejo*. Para ela, a favela é o local onde residem os pobres, e essas pessoas são “projetos de gente humana” (JESUS, 1960 p. 24), ou seja, podemos dizer, *pré-gente, pré-humano*. Nesta fala, percebemos que diante da situação do espaço de então todos os dias dos moradores daquela realidade, Carolina Maria de Jesus usa o termo “projeto de gente humana” para exemplificar que os mesmos, sem vez e voz, são subalternizados em uma sociedade e espaço desigual, ou vivem sob uma sub-humanidade.

Esse espaço, narrado e vivido por Carolina Maria de Jesus, apresentava-se como destino de muitos migrantes, que buscavam na grande São Paulo, a possibilidade de ascensão, contudo, em grande parte, restavam-lhes, os Quartos de Despejos. Essas chegadas, por diversas vezes foram narradas por Carolina Maria de Jesus, em muitos casos, isso era fruto de conflito, mas sobretudo, impulsionavam o aumento populacional na favela do Canindé.

Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama poder, os excrementos e a pinga (JESUS, 1960, p. 42)

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Carolina, aponta a grande quantidade de nordestino na localidade, o que denota para uma discussão mais aprofundada sobre a migração e a vida do migrante, muitos deles que trazem o sonho de uma vida melhor mas encontram a desilusão de não conseguir, não poucas vezes, nem as condições para sua reprodução mesmo enquanto trabalhadora e trabalhador *braçal*, seja na construção civil, seja na catação dos *restos*, por exemplo.

Como já exposto em outro tópico, a favela localizava-se as margens do rio tietê, e junto com a proximidade, as problemáticas também acompanhavam a vida daquela população. O mau cheiro, a água poluída que era utilizada pelos moradores para seus afazeres e consumo, o alagamento dos barracos mais próximos ao rio em dias de chuva, eram situações rotineiras, que denotavam um racismo ambiental urbano, entre as múltiplas intempéries que atravessavam, todos os dias e noites, a vida daquela população. Com isso, essa situação exemplifica que aqueles sujeitos viviam as margens, em condições marginalizadas.

Sobre a condição de encontra-se às margens, não só do rio, mas da sociedade, a autora aponta: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares dos lixos e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais” (p. 48). Nos dizeres da mesma, a pobreza exerce o papel central na marginalização desses sujeitos. A mesma pronuncia os pronomes sempre no plural referindo-se aos moradores, que junto com ela, participam daquela realidade.

O exercício de catar papel quase todos os dias, como única forma de trazer alimentos para seus filhos, sofria interrupção nos dias chuvosos. Em um desses momentos, a autora discorre: “Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não sair para arrumar dinheiro. Passei o dia escrevendo” (p. 37). Em outro momento, ela discorre “Amanheceu chovendo. E eu só tenho 4 cruzeiros, e um pouco de comida que sobrou de ontem e uns ossos” (p. 39). Os dias frios também traziam suas problemáticas, como a falta de estrutura na “casa” para o conter o frio, bem como a ausência de agasalho para a população da favela.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Para além da ausência de agasalho nos dias frios, os moradores da favela convivam com a ausência do Estado para atender a população e solucionar os problemas que a mesma enfrentava. Em uma dessas ausências, Carolina Maria de Jesus relata em seu diário: “Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O serviço de Saúde do Estado disse que a água da lagoa transmitia doença do caramujo. Vieram no revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da água” (p. 71). No relato da autora, o Estado falhava por não resolver o problema da água que atinge a ela e aos moradores da favela.

Entre os relatos vividos na favela e escrito no diário, Carolina Maria de Jesus manifestava o desejo de migrar para um outro lugar que oferecesse para a mesma dignidade. “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos, extingue as favelas” (JESUS, 1960, p. 17). Esse desejo de sair da favela e habitar em outro local, sobretudo uma casa de alvenaria, fazia a autora, entre sonhos e pesadelos, acreditar que um dia aquela realidade pudesse ganhar outros contornos.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhes umas panelinhas que a muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas (JESUS, 1960, p. 35)

O despertar do sono, por vezes nas madrugadas, não eram impeditivos para a autora continuar a sonhar. Em diversos momentos, Carolina Maria de Jesus relata em seu diário que, despertava do sono nas madrugadas e que a mesma, em posse de seu diário, buscava escrever. A escrita da vida, da labuta, das problemáticas enfrentadas por ela e os favelados, produziam esperança na autora, esta era uma forma também, de esquecer, mesmo que por um curto período de tempo, as dificuldades enfrentadas por ela na favela.

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sul. Que as janelas são de pratas e luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1960, p. 52)

Diariamente, a autora deslocava-se da favela do Canindé para o centro da cidade de São Paulo em busca de papel. Nessas idas, Carolina Maria de Jesus, define este espaço como sala de visita, em contraste com a realidade que ela vive, denominado pela mesma de *Quarto de despejo*. A autora percebe a desigualdade socioespacial quando analisa, a sua maneira, os dois ambientes e nota a diferença existente entre ambos. Apesar de próximos, são distantes. Em um desses momentos, entre o *quarto de despejo* e a sala de visita, a autora descreve em seu diário:

“Quando eu vou a cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquela paisagem há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas.” (JESUS, 1960, p. 72)

Nessas idas para catar papel, Carolina Maria de Jesus vive a cidade como sala de visita! Nos dizeres da autora: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. Em quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num *quarto de despejo*” (p. 37). A escritora, com densidade, traz a dimensão da cidade desigual, onde o acesso não alcança à condição mais básica para se manter vivo, que é comer, não está disponível para toda população – um espaço desigual, portanto, onde a comida abunda na “sala de visita” e escasseia, e falta, no “*quarto de despejo*”.

O território que Carolina Maria de Jesus ficcionaliza sua existência e de outros moradores da favela, é marcado de tensões e conflitos. A luta pela sobrevivência no que ela denomina de *quarto de despejo* aparece como uma luta e resistência diária. A vida

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

ali parece imitar os filmes de guerra, cada dia de vida, uma vitória – ou, para muitas e muitos, a derrota. Nesse contexto, para muitos autores, a literatura de Carolina Maria de Jesus foge completamente dos padrões que sempre foram seguidos no contexto de sujeito brasileiro hegemônico (branco e eurocêntrico). A catadora Carolina, que é também narradora, produz o que para alguns se encaixa como literatura afro-brasileira e, para outros, literatura marginal periférica (OLIVEIRA, 2011), no contexto de análise do presente trabalho, Carolina Maria de Jesus, produz também uma geografia.

Carolina Maria de Jesus é uma mulher pouco letrada que se apropria da escrita para denunciar. A escritora, que produz uma literatura afro-brasileira do cotidiano e oferece possibilidades de pensar a geografia, é atravessada por diversas camadas de opressões, além de ser negra, é pobre e mulher⁵. Sobre essa condição que atravessa o corpo de Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez (1982, p. 97) destaca que ser negra e mulher no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam ao mais baixo nível de opressão.

Conforme Guimarães (2014, p. 46), discorrendo sobre a importância de Carolina Maria de Jesus para as mulheres negras do Brasil, destaca:

Podemos dizer que o mais significativo para, principalmente, nós, mulheres negras, é “o quê” Carolina Maria de Jesus produziu mais do que “o quanto”. A quantidade de escritos com os seus diversos desejos (editorial/livro, teatro, música etc.) é vasta, mas o que importa mesmo é o fato de a produção literária (poética, contos e romances) desta mineira nos causar tantos impactos devido ao seu impressionante conteúdo, pois a força e lucidez emitida por meio de suas palavras escritas representam espelhos refletindo cada uma de nós.

O espaço apresentado por Carolina Maria de Jesus é atravessado por diversas problemáticas, que a autora traz os escritos no diário. A literatura é também a realidade, é a fome, o frio para os dias de temperaturas baixas, é a favela como ela é, é a mulher

⁵ Conforme Guimarães (2014, p. 47) Carolina rompeu com o lugar imposto à mulher negra pela sociedade, mas também não precisou estar no lugar de mulher branca, ou melhor, embranquecida, constituído por uma parcela da elite hegemônica do nosso país.

negra periférica que ousou sonhar, é uma geografia singular. Conceição Evaristo (2005) discorre que escritoras como Carolina Maria de Jesus buscaram e buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias de uma literatura do poder.

Conclusão

A literatura de Carolina Maria de Jesus é um grito que deu voz aos excluídos. A escritora é também uma contadora da realidade, do seu modo e de sua forma de enxergar o mundo, sobretudo, a favela e os favelados, como ela mesmo foi. A importância da literatura afro-brasileira, produzida pela escritora, relacionando-se com a geografia, oferece-nos a possibilidade de perceber questões como o racismo ambiental, a segregação socioespacial, a fome *enquanto uma professora*, o lugar de existência, além de uma gama de conflitos de poder que ocorrem na própria favela.

Quarto de Despejo é mais do que nunca, por isso precisamos entender que Carolina Maria de Jesus é uma autora atemporal. Sua escrita ecoa até os dias de hoje, trazendo a dimensão do eu para um diário que conta e denuncia uma realidade e um espaço desigual, excludente, de *quartos* pequenos e apertados e de *despejos* quase ininterruptos. Não por outra razão, a geografia precisa percorrer mais este *Quarto de despejo*, que continua presente em espaço e em uma terra a gerar inquietações à uma literatura branca – mas também à uma geografia idem.

A geografia precisa olhar mais para autores negros e para a literatura afro-brasileira, principalmente às que trazem consigo a dimensão da realidade também enquanto espaço como expressão racista, violento e da fome, como é caso de *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus.

Por hora, e aqui, *Obrigado, Carolina!*

Referências

- CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. Editora Record, 1966.
- CASTRO, Julia de Fonseca. Geografia e Literatura: Da Aproximação ao Diálogo. In: SUZUKI, J. C.; LIMA, A. P. de; CHAVEIRO, E. F. (org.) **Geografia, Literatura e Arte: Epistemologia Crítica e Interloquções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, p. 332-347, 2016.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 97-102, 2005.
- DANTAS, Audálio. *Prefácio*. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo - diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves 1960.
- DUARTE, Eduardo de A. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 11-23, 2008.
- DUARTE, Eduardo de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Rassegna iberistica**, v. 37, n. 102, p. 259, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, p. 52-57, 2005
- GALVÃO, AM de C. Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida. **Fênix-Revista De História E Estudos Culturais**, v. 14, n. 2, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher Negra na Sociedade Brasileira. In. LUZ, Madel T (Org.). **O Lugar da Mulher: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 87 – 106
- GUIMARÃES, Geny F. Rio de Janeiro: De Machado de Assis e de Lée Semog. Quando o Olhar Geográfico é Preenchido por Contos e Poéticas. In. LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; AVEAL, Carmen. **Griots: Culturas Africanas**. Natal- RN: EDUFRN, 1ª edição, 2012, p. 214-231
- _____. Até onde Carolina nos leva com o pensamento? Ao poder. In. DINHA; FERNADEZ, Rafaela. **Onde Estaes Felicidade?** Me Párió Revolução. São Paulo, 2014, p. 46-52
- GRATÃO, Lúcia H. B. **A Poética d' "O Rio" – ARAGUAIA!** De Cheias...&...Vazantes...(À)Luz da Imaginação! 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960
- _____. *Diário de Bitita*. São Paulo, 1982.
- LITERAFRO - O portal da literatura Afro-Brasileira. *Carolina Maria de Jesus*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – Abr. 2020. Disponível em:
- SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

<http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LOPEDOTE, Maria de L; KOVALSKI, Josoel. **A literatura e a imagem afrobrasileira**. Cadernos PDE, v. 1, 2014.

MARANDOLA, Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. Geografia, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2011.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MITSUUCHI, Jéssica T. A. Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. **Revista Vernáculo**, n. 41, 2018.

OLIVEIRA, Rejane P. de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. **Ipotesi**, v. 15, 2011.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileiro. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 161 – 163, 2004.

SOUZA, Taise C. dos S. P. **Literatura Negra e diferença cultural**. *Revista Trama*, v. 12, 2016.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017.

Data de Submissão: 16/04/2021

Data de Aprovação: 27/10/2021

SANTOS, *Geografia e Literatura Afro-brasileira: Um Diário Socioespacial a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.356